

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT12.023

## DONA CARANGUEJA: PRÁTICAS CURRICULARES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EJA

Carlos Fabian de Carvalho<sup>1</sup>Carla Carvalho de Aguiar<sup>2</sup>Leonardo Bis dos Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho está inserido na intersecção entre a educação ambiental e a educação de jovens e adultos (EJA). Este projeto, intitulado Dona CaranguEJA, tem sido desenvolvido em uma escola pública da cidade de Vitória-ES, no Bairro de São Pedro, historicamente marcado por questões socioambientais. A escolha desse bairro decorre em função do seu processo de ocupação, marcado por resistências ao longo de sua urbanização. Vale ressaltar que esse território é contextualizado por um dos maiores manguezais urbanos do país, e deste ecossistema advém a escolha do nome do projeto, Dona CaranguEJA, em referência a um animal marcadamente presente nos manguezais e também ao público que realiza a Iniciação Científica no projeto, estudantes da EJA. O trabalho teve início em 2023 e tinha como objetivos iniciais a construção de uma plataforma de turismo no manguezal autoguiada, bem como a formação de agentes ambientais na educação de jovens e adultos e ações de valorização do território, por meio da educação ambiental. A ação

- 1 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, cfabiancarvalho@gmail.com;
- 2 Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, carlaaguiar.bio@gmail.com;
- 3 Doutor em História pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, leonardo.bis@ifes.edu.br.

tem sido desenvolvida, em sua maioria, com mulheres negras, estudantes da educação de jovens e adultos, idosas e que atuaram diretamente nos movimentos pró-urbanização do bairro. O trabalho tem nos possibilitado construir um programa de formação em educação ambiental na educação de jovens e adultos, aprofundar aspectos metodológicos no campo da alfabetização científica, estreitar a distância entre a promoção da ciência e o currículo escolar, além de divulgar a produção científica produzida pelos sujeitos da educação de jovens e adultos.

**Palavras-chave:** EJA, Educação ambiental, São Pedro, Urbanização, Manguezal.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido na intersecção entre a educação ambiental e a educação de jovens e adultos (EJA). Utilizamos como referencial teórico os estudos de Freire, Tristão, Boff, Morin e colaboradores na busca de articular os referidos campos, bem como reconhecer os saberes escolares e ambientais previamente produzidos pelas comunidades e pelos sujeitos das classes populares. Freire nos aponta a importância da palavra como ato de anúncio e denúncia. Também nos alerta que a palavra é gerada do diálogo produzido não entre saberes hierarquicamente desiguais, mas sim entre iguais que possuem diferentes saberes. Do resultado desse diálogo, novos saberes são construídos, novas possibilidades inventadas, a partir do reconhecimento do saber-poder da classe trabalhadora. Nesse sentido, o diálogo com os sujeitos da EJA, nos provocam sempre a um "saber fazer" que é eminentemente coletivo, como nos aponta Jacobi (2009):

"Esse "saber fazer coletivo" configura-se em importantes estratégias que englobam um conjunto de sujeitos e práticas, e pode ser um elemento na construção e criação de pactos de governança, fomentando a compreensão e o acolhimento de outros valores na superação das ações de regulação e de controle. Podem, assim, informar e intervir em novas escolhas do poder público e da sociedade rumo à sustentabilidade socioambiental."

O reconhecimento do saber das mulheres, estudantes da EJA, acerca da história e das práticas ambientais produzidas em sua comunidade, somadas as denúncias da dívida histórica que o Estado brasileiro possui com a classe trabalhadora de nosso país, ao serem sistematizadas e anunciadas, podem sim produzir novos pactos de governança e intervir em novas escolhas de nossa sociedade. Sendo que essas escolhas precisam estar pautadas por um princípio inclusivista, onde a pluralidade de sujeitos em suas mais diversas especificidades devem obrigatoriamente estar inseridos em todo o processo de construção social. Por isso, destacamos

a relevância de produzir pesquisa, bem como, reconhecer os saberes já adquiridos, com mulheres, pobres, negras, idosas, que tiveram negado também o direito à educação e que reagiram ao machismo e patriarcado, quando retornam ou se inserem no contexto escolar.

“ A sustentabilidade de uma sociedade se mede por sua capacidade de incluir a todos e garantir-lhes os meios de uma vida suficiente e decente. Ocorre que as crises que assolam todas as sociedades esgarçaram o tecido social e jogaram milhões na marginalidade e na exclusão.” (Boff, 2016)

A escolha da temática embasa-se na importância de dialogar sobre educação ambiental em uma perspectiva ontológica, isso significa afirmar que apostamos na formação dos seres humanos e que dialeticamente determina o modo como criamos e satisfazemos necessidades, estabeleceremos o metabolismo sociedade-natureza. evidenciando o que já trazia Boff (2016) sobre o caminho de relação ser humano-meio ambiente, no qual:

“Atualmente alcançamos um nível tal de agressão que equivale a uma espécie de guerra total. Atacamos a Terra no solo, no subsolo, no ar, no mar, nas montanhas, nas florestas, nos reinos animal e vegetal, em todas as partes, onde podemos arrancar dela algo para nosso benefício, sem qualquer sentido de retribuição e sem qualquer disposição de dar-lhe repouso e tempo para se regenerar. ”

Tais fatores indicam que o ser humano para existir precisa continuamente produzir seus meios de vida. Nesse sentido, as mulheres de São Pedro são potenciais agentes disseminadoras de conhecimentos em sua comunidade e também transformadoras desta.

### **Lugar de Toda Potência: contextualizando a Região de São Pedro e o Projeto Dona Carangueja**

...é tudo ou nada , tem que ser agora/ é calça de veludo ou bumbum de fora/ Lugar de toda pobreza/ me dá tanta tristeza que não posso suportar.

O trecho do samba enredo da escola de samba Originais do Contorno do ano de 1987 traduz uma leitura que se constituiu como hegemônica da região da Grande São Pedro, localizada na cidade de Vitória. Marcada por um processo histórico de luta pelo direito à moradia, que reverberava na denúncia de diferentes negações de direitos sociais promulgados na constituição de 1988, a Grande São Pedro nas décadas de 70 e 80, foi também o local definido para o descarte de resíduos sólidos. Lá funcionou um lixão a céu aberto onde várias famílias habitavam e encontravam local de sustento. Sem escolas, sem unidades de saúde, sem segurança pública, sem serviços de assistência social, sem sequer água encanada, a população produziu práticas de aquilombamento, organizando-se em ações de mobilização e exigência de direitos junto aos órgãos governamentais e gestão comunitária que procurava formas de (re)existir no então denominado lugar de toda pobreza. Torna-se importante destacar que em 1983, um documentário intitulado “Lugar de Toda a Pobreza”, do cineasta Amylton de Almeida, promoveu enorme repercussão, deixando a região nacionalmente conhecida, tensionando ações do poder público.

Na segunda metade da década de 80 do século passado, as mobilizações da comunidade, juntamente com ações da Igreja Católica, incluindo a visita do Papa João Paulo II e a atuação dos movimentos populares e sindicais, acabaram promovendo avanços nas interlocuções junto às administrações públicas municipal e estadual. Gradativamente houve acesso aos direitos fundamentais às pessoas. O mangue sofria também, primeiro com o aterramento com lixo e depois com aterramentos para o processo de urbanização da região.

Destaca-se que a atuação de administrações locais da cidade, pressionadas pela organização coletiva comunitária, produziu nas últimas 3 (três) décadas um conjunto de transformações significativas na referida região. Conta atualmente com unidades de educação infantil e ensino fundamental, duas escolas de ensino médio, unidades de saúde e um pronto atendimento, centro de referência de assistência social, espaços

comunitários de práticas esportivas, parque municipal, um importante polo gastronômico, museu e outros equipamentos.

Nos dias atuais, São Pedro encontra-se muito diferente do que foi quando das filmagens do documentário de Amylton de Almeida. Conta com muitos comércios, ampla infra-estrutura e vários equipamentos e serviços públicos. Ainda, no presente momento passa por obras em grande parte de sua região de orla do manguezal para a construção de uma extensa passarela que adentra parte desse ecossistema - o manguezal ainda sofre interferência do poder público.

No ano de 2022, a Escola de Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EMEF EJA) Professor Admardo Serafim de Oliveira, única escola do município exclusiva no atendimento à modalidade da educação de jovens e adultos, iniciou o atendimento a uma turma de mulheres, moradoras da região, que tinham vivenciado situações de violência doméstica. Essas mulheres, em sua maioria, negras, idosas, mães, avós, tias, que sustentam suas famílias, e que nessa etapa de vida assumiram o compromisso de cuidado de si, demandando do poder público o direito à educação que lhes foi negado historicamente por sua condição de classe, raça e gênero.

A EMEF EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira foi planejada e criada em um contexto histórico na cidade de Vitória de maior busca na efetivação de direitos sociais, integração entre os entes federativos e maior intersetorialidade entre as diferentes secretarias municipais. Esta escola, que vem consolidando seus pressupostos e princípios na busca de construir um processos educativos na perspectiva do direito e da dignidade da pessoa humana, atentou-se para absorver, dialogar e atuar frente às mudanças político-econômicas e culturais ocorridas em nível nacional e local. Esse exercício diário de diálogo tem sido praticado na atualização permanente das práticas curriculares, na formação docente, no aprofundamento dos processos de gestão democrática e na relação direta com estudantes e com a complexidade das demandas apresentadas por suas

condições de classe, raça, gênero, orientação sexual, e especificidades no campo da deficiência.

Em relação a Educação de Jovens e Adultos, torna-se importante destacar que a relação do processo de escolarização com os movimentos sociais do campo e das periferias urbanas, organizações culturais, coletivos que atuam com questões ambientais é absolutamente crucial para a construção de processos educativos com sujeitos que possuem as especificidades citadas no parágrafo anterior, mas também possuem características comuns, como a condição de pobreza, opressão e subalternidade, defasagem idade-série, e o direito à educação negado na infância e adolescência.

Essas especificidades precisam ser pautadas e valorizadas nos processos formativos com Jovens e Adultos, que se realizam na escola e em muitos espaços educativos sociais em que essas pessoas participam. Em todos esses espaços, a EJA precisa assegurar seu modo próprio de ser e de existir, enfrentando e superando determinadas narrativas depreciativas acerca de sua identidade.

É nesse cenário que surge o projeto Dona CaranguEJA, com o objetivo de recontar a história de São Pedro do ponto de vista daquelas que viveram a urbanização deste espaço e a transformação do local. A mudança passando de ponto viciado de descarte de resíduos para um bairro potente e de referência como polo gastronômico de culinária local. Aliado a esse objetivo, o projeto propõe o desenvolvimento de um trabalho de educação ambiental, pela construção de uma plataforma de turismo autoguiada, com e pela comunidade local desenvolvido pelas estudantes da EJA da região, valorizando o ecossistema de manguezal e aquelas que dele obtêm seu sustento e subsistência.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho tem sido desenvolvido pela atuação conjunta de estudantes e professores atuantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

no município de Vitória, ES, Brasil. A pesquisa dá-se com a contribuição ativa das(os) educandas(os) da EJA da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) EJA Professor Admardo Serafim de Oliveira (Vitória, ES).

O projeto Dona CaranguEJA leva o referido nome em homenagem ao segmento educacional das(os) estudantes pesquisadoras(es), a EJA; e a escolha do elemento de fauna no nome faz referência ao ecossistema centro dos estudos, o manguezal, na figura de um caranguejo fêmea (representando a força feminina nesses espaços). O projeto conta com três principais vertentes de estudo, todas elas atravessadas pela educação ambiental: (I) Conscientização do valor socioambiental do ecossistema manguezal, enaltecido por um trabalho de educação ambiental realizado via plataforma de turismo autoguiada pelo usuário, criada no projeto; (II) Valorização da região de São Pedro e narrativa de sua história de urbanização por meio de material audiovisual, contada do ponto de vista daquelas(es) que viveram/vivem no território e acompanharam as transformações no local; e (III) Divulgação científica e produção de materiais educativos, os quais tem o intuito de disseminar as ideias de conservação dos manguezais trabalhadas no projeto para potenciais multiplicadores (sejam educadores, seguidores do perfil no Instagram, estudantes, entre outros).

A iniciação científica na EJA dá-se de maneira coletiva e colaborativa, considerando os saberes prévios das estudantes pesquisadoras, as quais ocupam o espaço-alvo de estudos (São Pedro, Vitória, ES), bem como viveram, muitas delas, o processo de urbanização da região (em que grande parte da distribuição de áreas de manguezal foi aterrada e transformada para abrigar a população crescente). A educação ambiental é trabalhada transversalmente em cada ação do projeto, discutindo a importância do ecossistema manguezal e seu papel socioambiental.

Considerando a construção da plataforma de turismo autoguiada, esta deu-se da seguinte maneira: 1. Construção coletiva do design da plataforma; 2. Pesquisas quanto às informações a serem disponibilizadas; 3. Aprimoramento da escrita por construção coletiva; 4. Criação da plata-

forma e ajustes finos quanto a imagens e organização das informações; 5. Divulgação da plataforma e disponibilização desta para a população. Ao longo de todo o processo também foram realizadas aulas de campo pelo manguezal da região com as estudantes, a fim de contribuir na formação destas sobre o tema e debater os diversos aspectos aos quais o ecossistema está relacionado.

O trabalho de valorização da região e narrativa pelas lideranças locais deu-se da seguinte forma: 1. Pesquisa sobre os indivíduos que poderiam compor as narrativas buscando, principalmente, mulheres que viveram aquele período; 2. Construção de roteiro com perguntas às lideranças entrevistadas a fim de garantir uma melhor coleta de dados; 3. Busca pelas lideranças fruto das pesquisas e convite à participação em roda de conversa gravada com as estudantes; 4. Realização de roda de conversa com as estudantes da EJA e as lideranças, realizando registro em vídeo.; 5. Tratamento dos dados coletados para produção de material audiovisual.

O trabalho de divulgação científica, por sua vez, dá-se pela criação de conteúdos na rede social do projeto (Instagram:@projetodonacarangueja), no qual são compartilhadas informações sobre os manguezais, sua conservação, importância, aspectos socioambientais, entre outros relacionados. A produção de material educacional está associada tanto à rede social do projeto quanto a outras iniciativas que têm como público-alvo estudantes e professores da EJA.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento das atividades no projeto Dona CaranguEJA tem oportunizado construções conjuntas de conhecimentos entre discentes e docentes que enriquecem as vivências de ambos. Essas práticas são pensadas em consonância às ideias freireanas de construção e valorização dos saberes prévios das(os) educandas(os), valendo-se destes na elaboração de ações com real sentido para todos os envolvidos. Este trabalho tem possibilitado, ainda, a construção de estratégias de educação ambiental

com foco nos manguezais por diferentes abordagens, evidenciando possibilidades neste campo.

### Projeto Dona CaranguEJA e a iniciação científica na EJA

Como premissas na formação do grupo, estavam a participação de mulheres e pessoas negras, visando garantir a formação de uma equipe que valorizasse grupos historicamente marginalizados. Outra reflexão foi em torno do racismo ambiental ao qual o grupo estaria mais exposto. A presença de idosas no grupo revela um perfil relativamente comum na EJA, com estudantes que, por diferentes motivos, tiveram seus direitos aos estudos negados quando jovens e/ou crianças e, depois de cumprida grande parte da vida adulta, conseguem repará-lo com nova perspectiva de educação. As estudantes deste grupo etário formam também, em grande parte, o grupo de estudantes moradoras do bairro São Pedro, o que contribui nas discussões sobre o processo de urbanização da região e influência nos manguezais, uma vez que muitas viveram este processo e acompanharam a problemática em torno dele.

Torna-se necessário explicitar que os sujeitos da EJA apresentam, em sua maioria, uma sobreposição de processos de exclusão. São mulheres, negras, assalariadas ou trabalhadoras informais que não tiveram acesso ao código escrito. Seus saberes são resultantes de múltiplas sínteses e leituras que a dura vida as obrigou a fazer (CARVALHO, 2021; FREIRE, 2011; PAIVA, 2018).

Para as estudantes da EJA que compuseram o grupo, a experiência de realizar um trabalho de iniciação científica foi nova e, com ela, as percepções quanto ao fazer científico ampliaram-se. Pelo depoimento das estudantes também foi possível perceber na prática a internalização dos preceitos freireanos na ideia de que as aprendizagens foram conjuntas e não apenas de professores para estudantes; assim como suas vivências no manguezal e impressões sobre ele, foram valorizadas.

Em um dos depoimentos produzidos por um senhor negro de 66 anos que foi aluno da escola Professor Admardo Serafim de Oliveira, onde fez o ensino fundamental na educação de jovens e adultos, revela que:

“Vivia no mangue, pegava caranguejo, mas não conhecia o mangue. [...] Fui aprender [com o] projeto. No Admardo [escola Professor Admardo Serafim de Oliveira] com a professora Carla, e aí eu comecei a aprender ciência. O que é o mangue? O mangue é a vegetação. [...] Pra mim a lama era o mangue, mas hoje em dia eu já sei através do conhecimento na ciência eu sei que o mangue é a vegetação. Quando você vê aquela vegetação você sabe que ali é um mangue. Que é um ecossistema muito importante para a humanidade e sustentou muita gente.”

Esse depoimento é muito significativo pois apresenta várias camadas de entendimento sobre a relação entre sociedades e naturezas, bem como a importância da divulgação científica. O autor desse depoimento é um senhor que trabalhou por muitos anos com pesca e com cata de caranguejo (como é conhecida a ação de captura do animal para posterior venda ou alimentação). A sua geração, na casa dos 50, 60 e 70 anos, viu uma paisagem muito diferente da que existe hoje em termos de manguezais em toda a Região Metropolitana da Grande Vitória e, em especial, no território de São Pedro - local alvo de nosso projeto. O manguezal aparece em discursos, ainda hoje, de formas bastante contraditórias: ao mesmo tempo que representa fonte de sustento para várias famílias, são locais que remetem à sujeira e áreas de ampliação de terrenos, passíveis de serem aterrados. A transição de entendimento da lama para a vegetação, expressada pelo nosso interlocutor, é muito mais do que apenas um entendimento científico. É antes uma mudança no entendimento simbólico do que é o mangue.

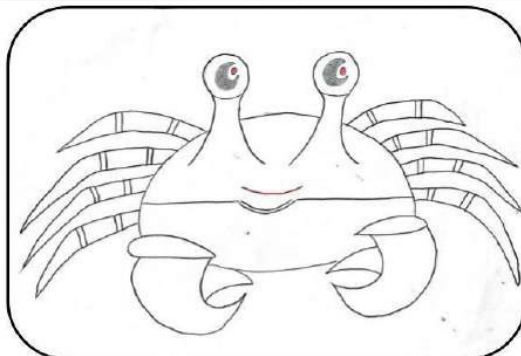


Foto 1: em primeiro plano a vista de uma parte do manguezal de São Pedro e ao fundo um dos monumentos naturais mais imponentes da Região Metropolitana da Grande Vitória, o Mestre Álvaro. No quadro à direita, fragmento da foto com destaque para restos de entulhos e plásticos depositados no mangue. Fonte: autoria das imagens dos próprios autores.

Seja pela dinâmica das marés ou pelo depósito direto de seres humanos, a lama representa plásticos e restos de materiais de construção (como podemos ver na imagem acima). A lama representa lixo que não foi produzido pelo mangue, mas sim pela lógica de consumo social e descarte. A vegetação, por outro lado, representa vida, beleza e exuberância. Esse talvez seja o principal desafio da educação ambiental em termos de manguezal: alterar significativamente a percepção e a valoração da população frente aos manguezais.

O depoimento também revela uma camada de entendimento acerca do diálogo entre saberes populares e científicos. Desse encontro o depoimento é finalizado fazendo a interlocução entre a importância biológica do mangue e de sua relevância social enquanto fonte de alimento para populações empobrecidas. O conhecimento que permitiu a cata do caranguejo e de outras espécies como o sururu (crustáceo que vive nos caules das árvores de mangue) hoje reconhece o reconhece com ecossistema (vocabulário que é utilizado em campos científicos).

## Turismo pelo manguezal



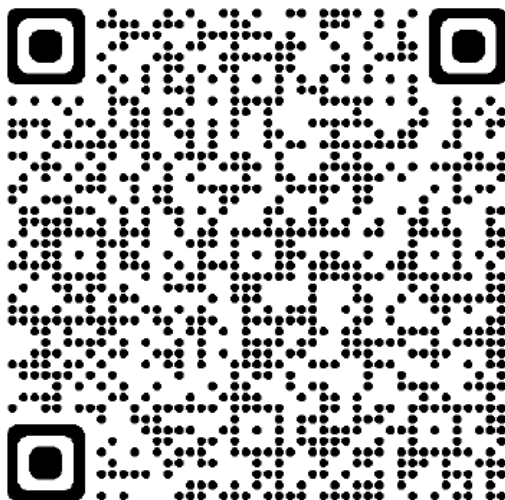
Desde o princípio do projeto foi proposto o desenvolvimento de uma plataforma de turismo autoguiado pelo manguezal e a existência de um animal mascote, a Dona CaranguEJA que contribuísse nesta ação. A escolha pela mascote deu-se no intuito de aproximar a proposta do público, trazendo maior ludicidade às ações, e também fazendo referência às/aos estudantes pesquisadores do projeto, estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA (Figura 1).

Figura 1. Imagem da mascote do projeto, Dona CaranguEJA, cuja imagem foi proposta por uma das estudantes pesquisadoras do projeto.

Considerando a proposta de construção de uma plataforma de turismo autoguiada pelo manguezal, esta deu-se pela participação ativa dos sujeitos da EJA, e foi pensada para ser acessada via QR Code. O princípio pensado na utilização da ferramenta é que o acesso se dê por essa leitura com QR Codes instalados em totens em pontos estratégicos nas regiões de manguezal, a fim de proporcionar informações turísticas sobre estes. Parte-se do pressuposto que conhecer mais sobre o ecossistema auxiliará no trabalho de conservação deste e, assim, quanto mais indivíduos acessarem a plataforma, maior também será o impacto no trabalho de educação ambiental realizado.

No acesso inicial à plataforma, há perguntas de identificação pessoal, as quais têm o objetivo de registrar o perfil dos usuários. Após esse momento é aberta uma página com opções de informações sobre os manguezais, como: aves, árvores, solo, animais, importância social, cul-

tural, entre outros (Figura 2). A ferramenta foi pensada para ser intuitiva e com conexões que facilitem o acesso dos visitantes às buscas desejadas. Diz-se que a plataforma é autoguiada por proporcionar uma experiência turística de imersão na riqueza dos manguezais de maneira autônoma, sem a necessidade de um guia no local para explicar a importância do espaço e dos elementos ali encontrados.



**O QUE VOCÊ GOSTARIA DE SABER MAIS SOBRE O MANGUEZAL?**



**SOBRE O QUE VOCÊ GOSTARIA DE SABER MAIS? \***

- 1 - AVES DO MANGUEZAL
- 2 - ÁRVORES DO MANGUEZAL - MANGUE
- 3 - SOLO DO MANGUEZAL
- 4 - ANIMAS DO MANGUEZAL
- 5 - IMPORTÂNCIA SOCIAL DO MANGUEZAL
- 6 - IMPORTÂNCIA CULTURAL DO MANGUEZAL
- 7 - CONSERVAÇÃO X DEGRADAÇÃO DO MANGUEZAL
- 8 - QUERO DEIXAR UMA SUGESTÃO

**IMPORTÂNCIA SOCIAL DO MANGUEZAL**

Além dos manguezais servirem como criadouros, alimentação e berçário para muitos peixes, crustáceos, aves, eles também são muito importantes para o **sustento de muitas pessoas**. Algumas ações relacionadas aos manguezais são: **Paneleiros, desfiadoras de siri, descascadoras do sururu.**

**PANELEIRAS DE GOIABEIRAS:** As paneleiras são mulheres que fazem as tradicionais panelas de barro, conhecidas internacionalmente!

As panelas de barro da região de Goiabeiras, em Vitória, no Espírito Santo, são produzidas artesanalmente, sem uso de quaisquer equipamentos (são manuais) e queimadas em fogueiras ao ar livre, são consideradas Patrimônio Imaterial pelo Iphan (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).



Figura 2. Imagens do QR Code para acesso à plataforma de turismo e da interface do usuário na plataforma.

Alguns cuidados considerados na construção das informações presentes na plataforma dizem respeito à linguagem, a qual buscou-se que fosse direta, compreensível e informativa. Também procurou-se garantir a presença de imagens juntamente com os textos e a permanência de trechos em caixa alta, a fim de contribuir no entendimento e identificação das informações para pessoas em diferentes fases de desenvolvimento da leitura. Outro cuidado adotado na construção foi um espaço para sugestões, a fim de oportunizar melhorias ao longo do tempo advindas de contribuições daqueles que utilizaram a plataforma.

### Valorização da região de São Pedro e narrativa de sua história

Essa vertente do projeto tem sido desenvolvida por meio da produção de registros audiovisuais com lideranças da região de São Pedro, os quais tem o intuito de recontar a história da região e de sua urbanização sob a visão daquelas(es) que acompanharam essas transformações. A partir do estudo do documentário Lugar de Toda Pobreza, de Amylton de Almeida (1983), refletiu-se sobre as transformações naquele espaço e sobre a história que o projeto gostaria de contar a respeito de São Pedro nesse passar do tempo. Desta forma, as estudantes da EJA pesquisaram lideranças locais do bairro, algumas sendo elas próprias, e construíram um roteiro de entrevistas, o qual foi utilizado para entrevistar essas referências. Esse momento foi registrado em vídeo e os dados dessas entrevistas estão em etapa de tratamento de dados para produção de material audiovisual.

Outra forma de valorizar o território a partir da ótica das próprias estudantes da educação de jovens e adultos foi realizar oficinas de fotografia. Nesse sentido o objetivo foi apresentar técnicas de captura de imagens para que as próprias mulheres que participam do projeto pudessem apresentar a sua visão acerca do mangue.



Fotos 2 e 3: Imagens de oficina realizada com estudantes da escola Professor Admardo Serafim de Oliveira. Fonte: autoria das imagens dos próprios autores.

### Divulgação científica

O projeto também realiza um trabalho de divulgação científica, por meio da rede social Instagram, no qual visa contribuir tanto na área de educação ambiental quanto para a popularização da ciência, buscando desmistificar o fazer científico. Neste espaço digital são compartilhadas informações sobre os manguezais de Vitória, grande parte das ações rea-

lizadas pelo grupo, parcerias de trabalho, rotinas do fazer científico dos estudantes da EJA, entre outras atividades e postagens que auxiliem na função de informar o público quanto às riquezas dos manguezais, da produção científica e da educação ambiental.

Neste trabalho, não apenas o público externo desmistifica o fazer científico e a imagem dos sujeitos que fazem ciência como também as(os) próprias(os) estudantes envolvidos nas atividades, as(os) quais têm suas atividades valorizadas e evidenciadas com os aprendizados atrelados a cada ação.

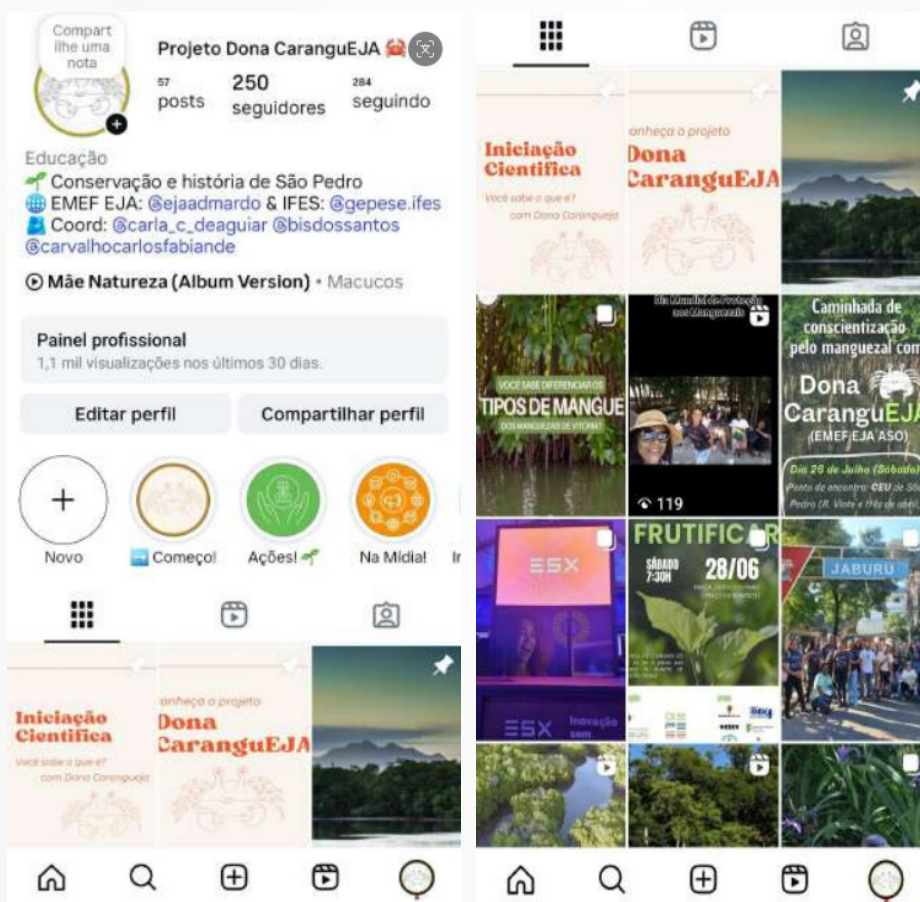


Figura 3. Registros do trabalho de divulgação científica realizado no Instagram do projeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pretende-se evidenciar aprendizados, produções e mesmo desafios associados ao desenvolvimento de um projeto de educação ambiental com foco nos manguezais realizado com/por educandas(os) e educadores pesquisadoras(es) na EJA. Ainda, espera-se que as práticas aqui compartilhadas contribuam com possibilidades de atuação e replicação de ações também em outros territórios e por outros educadores.

A partir das ações e práticas compartilhadas espera-se, ainda, evidenciar que a pedagogia do projeto Dona CaranguEJA desenvolve-se na indissociação do tripé: educação socioambiental, educação midiática e alfabetização em uma perspectiva emancipatória.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. Sustentabilidade: o que é – o que não é. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

CARVALHO, Carlos Fabian de. Os efeitos da política de EJA no município de Vitória-ES (2016-2019) e a garantia do acesso, da justiça social e do direito à educação. 2021. 218 f.: il. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Do Espírito Santo, Vitória, ES, 2021.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. - 51.ed. - São Paulo: Cortez, (Coleção questões da nossa época: v. 22) 2011.

JACOBI, Pedro Roberto & TRISTÃO, Martha & FRANCO, Maria. (2009). The social function of environmental education in collaborative practices: Participation and engagement. Cadernos CEDES. 29. 63-79.

PAIVA, Jane. Experimentando um “conceito”: de letramento à formação de leitores na Educação de Jovens e Adultos. Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos, v. 01, n. 02, p. 43-59, 2018.